

Tráfico usa a baía de Vitória

Polícia Civil faz operação e descobre que traficantes de Jesus Nazareth estão invadindo morro em Vila Velha

MAURÍCIO XAVIER

ASSASSINATOS

Os chefões do tráfico de Jesus Nazareth, na capital, estão usando a baía de Vitória para vender cocaína, maconha e crack e também para invadir pontos de vendas de drogas nos bairros da Glória e Jaburuna, em Vila Velha.

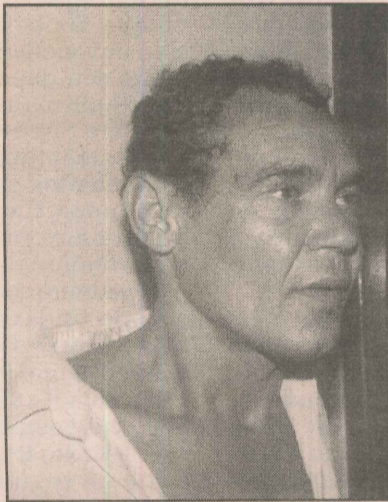
O esquema foi descoberto ontem pela Polícia Civil depois de uma operação que culminou na prisão de dois acusados de tráfico e assassinatos em Jaburuna.

Foram presos Bruno Marques Rosa, o Doidinho, 21 anos, e José Alonso Januário das Neves, o Zé do Brejo, 39.

Doidinho confessou o duplo homicídio, ocorrido na última quarta-feira, na Prainha da Glória, próximo ao Jaburuna, e o assassinato de um estudante no colégio Polivalente da Glória.

Os investigadores descobriram que os traficantes usam barcos para transportar drogas e armas entre os morros — que ficam um de frente para o outro, mas que são separados pela baía.

O mar também é usado pelos bandidos como rota de fuga. Ontem, os policiais receberam a informação de que Doidinho teria tentado fugir do Jaburuna de barco. Durante a operação, várias embarcações foram revistadas, mas não foram encontradas armas e drogas.



Zé do Brejo foi preso

Vítimas foram torturadas

Antes de serem assassinados na última quarta-feira, na Prainha da Glória, em Vila Velha, os dois homens foram torturados. Os corpos foram encontrados presos um ao outro por um par de algemas e com marca de 16 tiros. Uma das vítimas teve os olhos arrancados.

Um dos assassinos, Bruno Marques Rosa, o Doidinho, que foi preso ontem, disse que matou Acenir Monteiro e Jeneci Pereira da Silva — a identificação foi dada pelo próprio assassino, já que os corpos ainda não foram identificados e estão no Departamento Médico Legal — porque eles seriam estupradores e estariam aterrorizando a região.

No entanto, a polícia acredita que os crimes foram cometidos por causa de uma briga pelo controle do tráfico de drogas em Jesus Nazareth e Jaburuna. Doidinho disse ter matado os dois homens com a ajuda de outro rapaz, Rafael Martins



Os dois homens mortos foram algemados

Batista, que está sendo caçado pela polícia.

Doidinho também confessou o assassinato do estudante Wesley Augusto Scopelle Gomes, 23, morto com dois tiros na cabeça, no dia 6 de agosto deste ano, no pátio da Escola Luiz Manoel Vellozo (Polivalente da Glória). Ele foi morto quando assistia a um jogo de futebol com os amigos.

“Eu matei ele porque ele vendia cocaína na região e eu não gostava. Falei para ele parar mas não adiantou nada. Depois ele me ameaçou. Aí eu fui e passei o cerol nele antes”, confessou Doidinho.

O delegado Adroaldo Lopes Rodrigues, da Divisão de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP), explicou que Doidinho estava tentando controlar o tráfico nos dois morros e, para isso, estaria matando seus adversários.

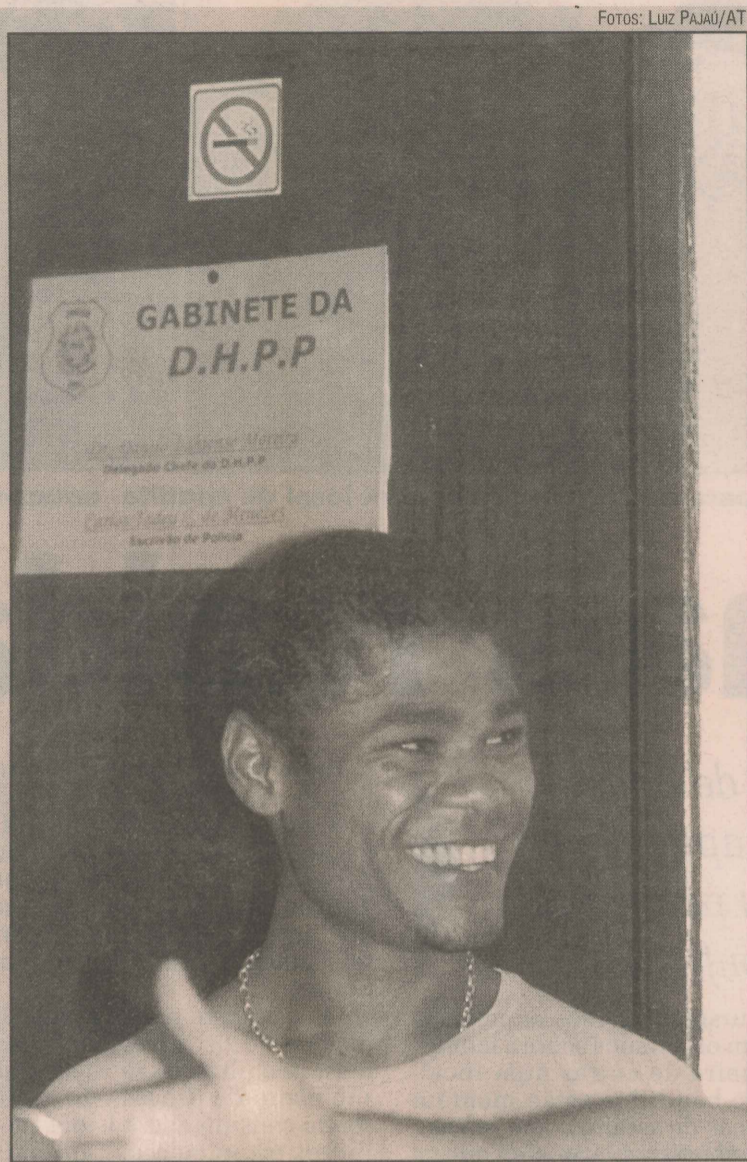
“Ele estava procurando a ajuda dos traficantes de Jesus Nazareth para tomar conta do tráfico no Jaburuna. Ele aproveitou que o traficante Siri (Waldemir Ferreira Adão), que controlava o tráfico no Jaburuna, está preso, para derrubar a quadrilha dele”, explicou o delegado.

Adroaldo Rodrigues revelou ainda que a intenção de Doidinho era controlar o tráfico nos dois morros.

“Como o Gabriel Caçador (Gabriel Martins Batista), que comanda o tráfico em Jesus Nazareth, está foragido, ele quer tomar conta do morro também”, revelou.

Depois da prisão, Doidinho demonstrou tranquilidade diante dos policiais e dos jornalistas. Ele chegou a afirmar para um investigador que “a prisão é longa, mas não é perpétua”.

“Com o Caçador foragido e o Siri preso, ele começou a comandar o tráfico nos morros. Ele contou aos policiais que comprou um terno de R\$ 1,8 mil para desfilhar no morro”, disse Adroaldo Rodrigues.



Bruno, o Doidinho, sorri, mesmo depois de ir para a cadeia

“Algemei os caras e matei”

Depois de sua prisão, o acusado de tráfico e assassinatos Bruno Marques Rosa, o Doidinho, aparentava estar tranqüilo diante dos policiais e dos fotógrafos e cinegrafistas. Ele passou boa parte do tempo sorrindo.

A Tribuna — Por que você matou os dois homens — Acenir Monteiro e Jeneci Pereira da Silva, de acordo com o criminoso — no Jaburuna?

Bruno Marques Rosa, o Doidinho — Os caras eram estupradores e aqui no bairro tem muita gente inocente. Eles não podiam ficar soltos por aí. Não foi a pedido de ninguém. Estuprador eu matei e se puder vou continuar matando.

— Como foi o crime?

— Eu invadi o barraco às 20 horas de terça-feira. Entrei e perguntei o que estava pegando e chamei eles para conversar comigo. Falei que eles eram estupradores, algemei eles, arrastei pelo mato, mandei eles sentarem e os matei.

Eles disseram que tinham pago a pena deles, mas eu disse que não tinham pago a pena com a gente aqui no morro. Eu encontrei uma calcinha e a foto de uma criança no bolso deles. Eu queria que eles assumissem, mas eles não quiseram. Então eu bati neles, furei os caras com uma faca, mandei sentar no chão e acabei com eles.

— Quem arrancou os olhos de uma das vítimas. Foi você ou seu parceiro?

— Achei que foram os uru-

bus. Eu estava com dois revólveres 38 e uma faca, mas não fiz isso. Não lembro de parceiro nenhum.

— Como você conseguia as algemas?

— Foi um amigo que me deu. O apelido dele era Pajé. Ele fugiu da Unidade de Integração Social (Unis). Ele já está morto.

— Você também matou o estudante Wesley Augusto Scopelle Gomes dentro do Polivalente da Glória?

— Matei porque ele vendia cocaína na região e eu tinha pedido para ele parar de vender na minha área. Ele não parou e depois veio me ameaçar. Disse que ia comprar uma arma para me matar.

Eu passei o cerol nele antes. Eu ainda perguntei se ele queria me matar, mas ele negou e eu vi a falsidade no rosto dele.

— Você está arrependido dos crimes?

— Do menino da escola um pouco. Agora, dos dois estupradores, não. Porque eles poderiam pegar alguém da minha família ou outras pessoas aqui do bairro.

Tem um monte de criança que fica andando por aí. Cinco horas da manhã eles já estavam na pista para estuprar. Eu peguei cadeia com eles e os dois estavam no seguro (cela onde ficam presos ameaçados).

— Você já foi preso?

— Eu fui preso uma vez cheirando cocaína. Estava com cinco papelotes. Mas eu parei, agora só fumo maconha.

Ação contou com ajuda de helicóptero

A ação de ontem da Polícia Civil contou com a participação de mais de 40 investigadores da Divisão de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP), da Delegacia Especializada em Tóxicos e Entorpecentes (Deten), além de policiais do Grupamento Aéreo (Graer) da Polícia Militar, que sobrevoaram os morros para dar cobertura aos policiais que agiam em terra.

Os trabalhos, comandados pelos delegados Adroaldo Lopes Rodrigues e Marcelo Liberato, da DHPP, começaram às 4 horas da manhã, quando os policiais fizeram campanhas nos morros Jesus Nazareth, em Vitória, e Jaburuna, em Vila Velha.

A partir das 6 horas, eles começaram a cumprir sete mandados de prisão e de busca e apreensão, expedidos pelo juiz Carlos Eduardo Ribeiro Lemos, da 4ª Vara Criminal de Vila Velha.

Na operação, a polícia prendeu os acusados de tráfico e homicídios Bruno Marques Rosa, o Doidinho, José Alonso Januário das Neves, o Zé do Brejo.

ELOGIOS

O secretário de Estado da Segurança Pública, Rodney Miranda, e a chefe de Polícia Civil, delegada Selma Cristina Couto, compareceram ontem cedo à sede da DHPP, após a operação, para elogiar a ação dos policiais.

“Foi mais uma prova de que o Espírito Santo está combatendo seus criminosos. Não vamos dar tréguas à bandidagem”, assegurou Rodney Miranda.

“Ficou comprovado que não houve participação de policiais no duplo homicídio da Prainha da Glória. Investigamos e prendemos um dos autores do duplo homicídio e o outros criminosos estão sendo procurado”, disse Selma Couto, que completou:

“Essa ação comprova que a polícia se preocupa em investigar qualquer tipo de crime, independente de quem seja a vítima”.

PRESOS

• Bruno Marques Rosa, o Doidinho, 21 Já foi autuado por furto, tráfico de drogas, porte ilegal de armas e homicídio. Tem quatro mandados de prisão expedidos pela Justiça.

• José Alonso Januário das Neves, o Zé do Brejo, 39

Já foi autuado por homicídio, tentativa de homicídio, estelionato e tráfico de drogas. Tem dois mandados de prisão expedidos pela Justiça.

Procurados

• Waldemir Ferreira Adão, o Waldemar
• Valdivino dos Santos Dão, o Nego
• Gabriel Martins Batista, o Gabriel Caçador
• Valdéia dos Santos Dão, a Déia
• Rafael Martins Batista

Obs.: todos tiveram a prisão temporária decretada por 30 dias.

Fonte: Divisão de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP)

JALDECY PEREIRA

A relatora especial da Organização das Nações Unidas (ONU), a paquistanesa Asma Jahangir, que está no Brasil desde o dia 16 de setembro e visitou o Espírito Santo na semana passada, comparou a violência brasileira com a do Paquistão, seu país de origem.

Ela disse que o problema lá é pior ainda, porque o regime de governo do Paquistão é militar. Asmar Jahangir garantiu que o melhor estado por onde passou no Brasil é o Espírito Santo.

Ela elogiou, sobretudo, a atitude dos secretários da Segurança Pública e da Justiça, o delegado federal Rodney Miranda e o sociólogo Luiz Moulin, respectivamente.

“A reunião que tive com eles foi a coisa mais proveitosa de minha viagem ao Brasil até agora”, garantiu a relatora da ONU, que, sexta-feira, no Rio, se decepcionou com a falta de estatísticas sobre violência por parte da polícia, Ministério Público e Judiciário fluminenses.

A Tribuna - Como são tratados no Paquistão os criminosos, como assaltantes, assassinos e estupradores?

Asma Jahangir - Infelizmente, como vocês já sabem, nós, os paquistaneses, temos um regime de governo militar. Portanto, devido ao rígido regime imposto naquele país não existe lá um Estado de Direito.

Muitos bandidos, assim também como bastante gente inocente, morrem todos os dias. Muitos inocentes são punidos com a morte. Vivemos sob uma ditadura militar, ao contrário do Brasil, que é uma democracia. No meu país, a violência urbana e por parte do governo é bastante grande.

- Mas aqui no Brasil, pelos lugares por onde já passou, a senhora viu esse Estado de Direito?

- Vejo uma força muito grande na voz das pessoas. Liberdade para falar, expressar e se emocionar é um direito. Hoje (na audiência pública na Assembleia Legislativa, quinta-feira) vi um protesto desarmado mais poderoso do que a ação das pessoas que estão espalhando a violência.

Sinto a força nas palavras de vocês e tenho certeza que isso prevalecerá sobre a força da violência. A Justiça acontecerá o mais breve possível, tenho esperança nisso.

- A violência no Brasil é igual a uma guerra civil?

- Não. Não posso dizer que há uma guerra civil, mas que há muita violência, isso sim. E, além disso, o crime se apoderou de uma grande parte de alguns setores do próprio governo de todos os estados.

- A ONU dispõe de mecanismos para poder fazer com que o Brasil respeite mais os direitos humanos?

- Não há mecanismos na organização que possam obrigar um Estado a fazer alguma coisa. Mas a força da persuasão, de convencimento, pode ser mais eficaz do que uma coisa coerciva.

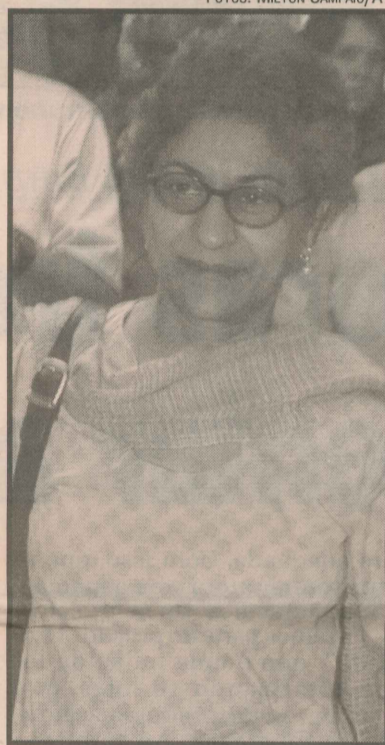
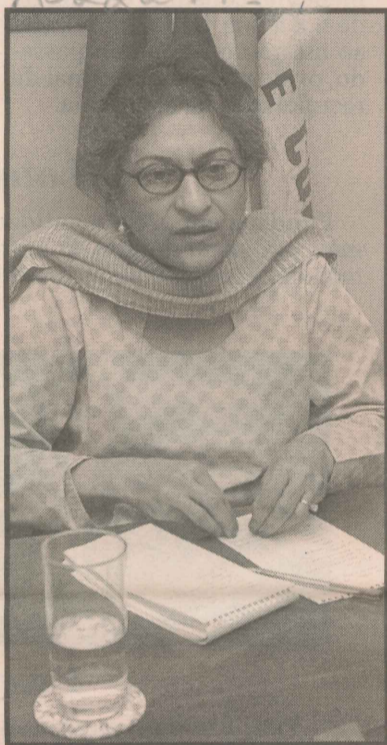
- Em seu país, o Paquistão, as brigas religiosas contribuem para o aumento da violência. É aqui no Brasil?

- Não. Aqui não acontece nada disso. Aqui eu não vejo esta

ASMA JAHANGIR Relatora especial da ONU

Espírito Santo está no caminho certo

“Muitos bandidos, assim como bastante gente inocente, morrem todos os dias no meu país. Muitos inocentes são punidos com a morte. Lá, vivemos sob uma ditadura militar, ao contrário do Brasil, que é uma democracia”



FOTOS: MILTON SAMPAIO/AT

SAIBA MAIS

Paquistão

- **Nome oficial:** República Islâmica do Paquistão
- **Capital:** Islamabad
- **Nacionalidade:** Paquistanesa
- **Datas nacionais:** 23 de março (Dia da Pátria); 14 de agosto (Independência)
- **Localização:** centro-sul da Ásia, Oriente Médio.
- **Área:** 796.095 km²
- **Clima:** árido subtropical
- **Área de floresta:** 17 mil km²
- **Cidades principais:** Karachi, Lahore, Faisalabad, Islamabad, Rawalpindi e Hyderabad
- **População:** 156,5 milhões
- **Idioma:** urdu (oficial), pushtu, punjabi, sindi, saricoli, saraiki e balúchi
- **Religião:** islamismo 95%, cristianismo 2%, hinduísmo 1,8%, outras 1,2%
- **Crescimento demográfico:** 2,8% ao ano

- **Fecundidade:** 5,03 filhos por mulher
- **Expectativa de vida:** 63 anos para homens e 65 para mulheres
- **Mortalidade infantil:** 74%
- **Analfabetismo:** 56,7%
- **Tipo de governo:** República Parlamentarista (ditadura militar desde 1999).
- **Chefe de Estado:** presidente Mohammad Rafiq Tarar (PML) (desde 1998; mantido no cargo com o golpe militar de 1999)
- **Chefe de governo:** General Pervez Musharraf, chefe do Conselho de Segurança Nacional (desde 1999).
- **O país:** Desde o fim da colonização inglesa, o Paquistão e a Índia disputam o controle da região fronteira da Caxemira, habitada por ampla maioria muçulmana, como o Paquistão. Como demonstração de força, o país realiza testes nucleares em 1998.
- **História:** A civilização do vale do rio Indo floresce entre os anos 4000 a.C. e

2500 a.C. Invasores arianos vindos do noroeste conquistam a região por volta de 1500 a.C. e iniciam a civilização hindu, que domina por 2 mil anos os atuais territórios da Índia e do Paquistão.

Sucessivas invasões acontecem ali a partir do século VI a.C.: persas, macedônios, novamente persas (dinastia Sassânida) e, por fim, árabes, que introduzem o islamismo em 712 e separam o Paquistão da esfera de influência da Índia.

- **Fatos recentes:** O governo paquistanês anuncia, em abril de 1999, o teste do míssil Ghauri 2, em resposta ao experimento de um novo míssil balístico pela Índia. Os dois países chegam à beira da guerra total em maio, quando soldados paquistaneses cruzam a fronteira em apoio à ofensiva dos guerrilheiros muçulmanos da Caxemira indiana. A Índia expulsa as tropas paquistanesas em julho.

influência da religião, porque eu venho de um país onde se vê a destruição que pode causar uma religião todos os dias, ou até mesmo durante toda uma vida. Lá predomina o islamismo, seguido do cristianismo e do hinduísmo.

- Aqui no Estado a senhora se reuniu com vários setores do governo. Qual encontro foi mais produtivo?

- Acho que a reunião com os secretários de Estado da Segurança (Rodney Miranda) e da Justiça (Luiz Moulin). Esta talvez tenha sido a reunião mais construtiva que eu tive no Brasil até agora.

Nós conversamos sobre as minhas recomendações. Eu recebi muito feedback (retorno) dos secretários e das outras autoridades que estavam presentes.

Com algumas recomendações eles não concordaram totalmente. Eu estou levando isso em consideração, portanto, foi uma reunião de trabalho.

Foi ultrapassada, eu diria, a fase da negação, em que se dizia que não há nenhum problema aqui. Eles foram francos ao responder as perguntas. Chegamos a uma fase em que estamos realmente ten-

tando resolver os problemas.

- O secretário da Justiça, Luiz Ferraz Moulin, pediu que a senhora incluísse em seu relatório que no Brasil, especialmente no Espírito Santo, que os grandes traficantes não vão presos. O que a senhora vai fazer?

- Foram discutidas muitas coisas relativas ao tráfico de drogas sim. Nós conversamos muito, foram dadas sugestões pelos secretários e eu tenho que verificar se isso está dentro do meu mandato.

Se estiver realmente dentro do meu mandato, certamente eu incluirei no meu relatório. Foram sugestões muito boas inclusive.

- O que a senhora achou da audiência pública realizada na Assembleia Legislativa?

- A opinião pública está tratando de dizer quem são os criminosos. A sociedade toda está falando contra essas pessoas e por isso tem muita coragem.

- Quais são as principais questões que viu no Espírito Santo? A situação está parecida com a dos outros estados que já visitou?

- A situação foi mais ou menos semelhante em outros estados. Conversou-se muito sobre violência. Cada vez mais violência por parte de policiais, de grupos de crime organizado, de crimes ligados à administração e tudo isso.

Agora o que eu vejo de muito positivo e diferente é uma determinação muito forte, não só por parte do povo, mas também do governo, da sociedade civil em geral, no sentido de eliminar isso.

Passar a marginalizar os criminosos e não marginalizar a sociedade, isso eu vejo como um resultado muito positivo.

- E o Estado está fazendo isso?

- Acho que está a caminho de fazê-lo e não tem outra opção, tem que fazer.

- Durante sua passagem pelo Brasil a senhora ouviu alguma referência que só os pobres e negros que vão para cadeia?

- Claro. Eu não só ouvi, como também vi e, inclusive, anotei. Acho que é uma coisa trágica, uma situação muito triste. Mas pelo menos aqui no Brasil não se está negando isso, está se tentando fazer alguma coisa para resolver este problema.

- A senhora já conhecia a realidade do Espírito Santo?

- Sim, pois nós nos preparamos sempre muito bem, mas com certeza é muito diferente estar aqui vivendo isto na presença das pessoas deste Estado.

- De que forma a senhora pretende relatar essa visita pelo Brasil?

- Eu vou produzir um relatório com base nas coisas que vi e recolhi. O resultado do relatório é muito importante para que as pessoas tomem consciência do que está acontecendo aqui.

- Este relatório também será encaminhado ao governo brasileiro?

- Absolutamente que sim. Mas o que eu vejo aqui nesta visita é o efeito catalisador que as pessoas estão tendo, preocupando-se cada um ao seu modo. Estão se juntando e começando a dar as mãos para levar esta luta para frente.